



DALBOSCO, Cláudio Almir. **Pragmatismo, teoria crítica e educação**. Campinas: Autores Associados, 2010. 261 p.

A Filosofia da Educação, no Brasil, tem apresentado um incremento significativo de obras que progressivamente vão suprimindo a histórica carência de textos qualificados nessa área. Isso porque, nos últimos anos, o debate em torno da relação entre filosofia e pedagogia vem recebendo especial atenção de filósofos e pedagogos, destacando-se as discussões em torno do papel da filosofia na formação de educadores.

Nesse contexto, *Pragmatismo, teoria crítica e educação*, de Dalbosco, surge como uma importante contribuição, enriquecendo o debate nessa área do saber. Trata-se de uma obra que aborda a educação como uma questão filosófica, com todas as consequências ontológicas, éticas e epistemológicas exigidas por tal enfoque. Partindo da reflexão crítica acerca das concepções teóricas autoritárias de filosofia e de educação, da crítica ao “empirismo ingênuo” (p. 13), aos resquícios de “uma metafísica ruim” e de um “positivismo fossilizado” (p. 19), e atento aos equívocos das abordagens pedagógicas que se preocupam exclusivamente com a ação imediata e com “resultados práticos”, Dalbosco propõe, em contraposição, uma teoria educacional fundamentada na ação pedagógica “consciente, planejada, consequente, com um trabalho reflexivo e crítico dos pressupostos que conduzem à prática educacional, contando para tanto, com uma sólida constituição teórica” (p. 2).

Visando a atingir seu intento, o autor retoma o problema da educação a partir de uma questão primordial – a de que a aprendizagem só se torna efetivamente válida se promover a compreensão da vida humana no mundo. Seu objetivo principal é refletir sobre o significado da formação dos seres humanos num contexto de sociedade plural e complexa como a atual, articulando as imbricações entre teorias pedagógicas, teorias filosóficas e práticas de ensino. Para tanto, encontra na filosofia um recurso importante de análise e de reconstrução dos pressupostos, que podem transformar a prática educacional em um exercício hermenêutico de descoberta de sentidos e de restabelecimento do potencial crítico e emancipador.

A abordagem da educação realizada pelo autor tem como base uma filosofia de natureza pós-metafísica, significando dizer que a ação pedagógica é refletida tendo por referência a realidade imediata que se apresenta no cotidiano de educadores e educandos; porém, sem limitar-se ao entendimento das compreensões ali existentes, mas buscando esclarecer possíveis incongruências e contradições que nela se manifestam, bem como desvelar os potenciais de transformação emergentes. Nessa incumbência de pensar o cotidiano pedagógico, o autor discute a tarefa da filosofia, colocando em questão a própria filosofia enquanto teoria e saber que se faz presente na práxis cotidiana dos seres humanos em interação. Questionando a visão metafísica de filosofia e sua pretensão de oferecer uma solução definitiva e segura para a educação, Dalbosco destaca o seu papel reflexivo como principal contribuição para o campo educacional. Já não cabe mais à filosofia o papel de “dona da racionalidade” ou de *prima ciência*; como “guardiã da racionalidade”, compete-lhe a tarefa de promover um diálogo produtivo com as outras áreas do saber, na busca da construção de um entendimento razoável sobre formas de conhecer e de agir. Acima de tudo, a filosofia precisa transformar-se na prática reflexiva dos sujeitos da ação pedagógica.

Os sete ensaios e os dois excursos do livro apresentam em comum, como ideia orientadora, a reflexão em torno da reformulação do conceito de formação e a ampliação do conceito de razão. Dalbosco parte da convicção de que é impossível desenvolver uma educação de qualidade, comprometida com a formação humana dos indivíduos e o desenvolvimento democrático da sociedade, sem o aprofundamento teórico e a reflexão acerca do sentido da formação. Para tanto, é preciso retomar o debate sobre as possibilidades e os limites da racionalidade humana, pois somente uma racionalidade de base pós-metafísica pode recuperar o potencial de emancipação da própria filosofia e, em decorrência, da educação.

A partir de uma reapropriação de análises do pragmatismo e da teoria crítica, o autor procura mostrar que o entendimento da educação como um processo de construção tem exigências teóricas, as quais precisam ser desenvolvidas. Constatamos, porém, que a necessidade do aprofundamento teórico nem sempre é reconhecida pelos educadores e gestores educacionais. A preocupação imediata com resultados, com os efeitos práticos, com o cumprimento da legislação, etc., leva muitos educadores a examinarem a educação apenas pelo prisma do imediatismo, do ideológico e dos resultados práticos, orientados, muitas vezes, por interesses suspeitos e equivocados.

Sem desconsiderar que a educação, como totalidade, deve ocupar-se dos interesses pessoais e das necessidades sociais atuais e que a racionalidade teórica não pode ser reduzida a um exercício lógico e formal, deixando de tratar das questões que envolvem o mundo da vida, as emoções e os sentimentos, Dalbosco pondera, de outra parte, que a educação não pode deixar de ser pensada e fundamentada racionalmente por um estudo permanente e uma pesquisa vagarosa da tradição filosófico-pedagógica, como condição para compreender com maior clareza a complexidade da formação humana.

No desenvolvimento dos ensaios, dialoga com diferentes autores e tendências: Mead, Dewey, Adorno, Habermas, Foucault e outros mais. Num exercício hermenêutico e crítico cuidadoso com tais pensadores, atualiza alguns temas centrais do pensamento filosófico da educação contemporânea: o autoritarismo, o verticalismo, o reducionismo empirista, o mecanicismo, o cientificismo, o pragmatismo, o senso comum pedagógico, as práticas pedagógicas desacopladas da reflexão e da teorização, o didatismo, a progressiva mercantilização da educação e as nefastas consequências desta. Ocupa-se em realizar um trabalho reconstrutivo de algumas concepções importantes de tais autores, como é o caso da teoria da interação, em Mead e Dewey; o tema do domínio de si e do bom governo, em Foucault; a questão da formação e a indústria cultural, em Adorno; a transformação do papel da filosofia a partir da guinada linguística, em Habermas.

Como pesquisador atento, percebe que a educação, para sustentar-se, não pode deixar de se socorrer das “fontes clássicas”, pois sempre são referências indispensáveis no exercício do seu esclarecimento. Para tanto, retoma a discussão do tema da formação, buscando bases em Rousseau, Kant e Humboldt; os dois primeiros, sem sombra de dúvida, suas principais bases conceituais. Aprofunda tal tema confrontando as clássicas concepções desses autores com os problemas da formação numa sociedade liberal capitalista, o que o leva ao desenvolvimento de uma crítica perspicaz sobre a reificação e a semiformação, tendo por base a teoria crítica e outros referenciais da contemporaneidade.

Dalbosco tem o cuidado de não fazer do exercício filosófico um ato de afastamento do cotidiano escolar ou do mundo da vida dos diferentes espaços educativos. Preocupa-se em evitar o “academismo” e faz da filosofia o exercício dialógico de incursão para o interior da realidade concreta da educação. Compreende a filosofia como um exercício permanente de contextualização e de problematização da realidade vivenciada por educadores e educandos. O autor, conforme compete ao bom filósofo e à filosofia, não oferece receitas, não indica soluções fantasiosas, mas acredita no poder transformador da educação pela sua reaproximação à filosofia. A educação atual deve ser entendida, segundo ele, como o processo de construção de significados mediados sociolinguisticamente, o que exige a explicitação do nexos existente entre ação humana, racionalidade e linguagem.

Cabe destacar, ainda, o caráter de denúncia do texto contra a tentativa, infelizmente já impetrada por algumas instituições e redes de ensino, de expulsar a filosofia do campo pedagógico. Tal autor leva-nos a reforçar a convicção de que não há possibilidade de desvincular pedagogia e filosofia, isto é, não podemos formar bons professores sem filosofia. Afinal, a filosofia nasceu e deve continuar sendo pedagógica, e a pedagogia, em sua essência, é sempre filosófica.

Apesar das virtudes do texto, algumas limitações não podem deixar de ser mencionadas. Uma delas aponta para a necessidade de aprofundamento de alguns temas apenas assinalados na obra, cujo desenvolvimento pode contribuir para a qualificação do debate entre filosofia e educação. Como exemplificação, apontamos a questão do senso comum pedagógico e o desafio de ampliar sua análise, tendo em vista sua evolução para uma pedagogia consciente e crítica. Uma segunda limitação indica o desafio de uma exploração mais detalhada acerca da produtividade do conceito do agir simbolicamente mediado para o campo educacional e suas implicações pedagógicas. A tarefa que cabe é a de uma melhor explicitação do nexos entre ação humana, linguagem e educação.

Os limites apontados não desqualificam a obra, ao contrário, indicam a produtividade das reflexões do autor, à medida que apontam para novas tarefas. Afinal, um bom texto filosófico não é aquele que nos leva a repousar em certezas, mas o que nos desperta dúvidas, provoca buscas e novas investigações. Sob esse aspecto, o texto de Dalbosco é muito instigante.

ELDON MÜHL

Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (SP, Brasil). Professor da Universidade de Passo Fundo (RS, Brasil).
E-mail: <eldon@upf.br>